

APRESENTAÇÃO

Ontem, hoje e a gestão de amanhã

Maria Lucia Guimarães de Faria*

Atordoad@s com os últimos cortes orçamentários impostos às universidades – vingança sinistra como despedida de um governo macabro e inominável que nunca deveria ter acontecido –, mas festejando efusivamente o retorno do presidente eleito e a restauração da esperança e do respeito ao incansável trabalho das universidades, trazemos a público o último volume de 2022 da Revista *Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea* – vigésimo-oitavo número, desde a criação da Revista, em 2009. Aqui, sempre celebramos a permanência e operatividade da Revista em condições às vezes profundamente adversas e em meio a cenários desoladores. Imaginem a nossa disposição de festa, quando o clima e as circunstâncias se inclinam, por si mesmos, ao festivo? Sabemos, no entanto, que as cortinas apenas se abriram para uma nova fase tão longamente desejada. O nosso espetáculo ainda está em gestação. Precisaremos de muita luta e determinação para reverter os consideráveis estragos perpetrados pela gestão do obscurantismo, do ódio, da intolerância, da violência e da total indiferença às calamidades sociais. Mas luta

* Professora Associada de Literatura Brasileira do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

é conosco mesmo. Garra é um dos nossos maiores ativos. Trazer à luz o trabalho de pesquisador@s, professor@s, estudantes e escritor@s, infatigavelmente comprometid@s com a expansão do saber, do pensar e do criar, é uma forma vigorosa de fortalecer as pautas da diversidade, da parceria, da inclusão e da justiça social, que defendemos.

O presente volume conta com seis ensaios, duas entrevistas e duas resenhas, bastante diversificados em suas temáticas e abordagens. Estética da recepção, romance lírico, protagonismo indígena, literatura surda, criação maquínica, diálogo entre texto e fotografia compõem o nosso leque ensaístico. Nas entrevistas, oferecemos a palavra de duas escritoras premiadas, que se irmanam no alto apreço pela literatura, mas se diferenciam bastante em seus métodos de trabalho. Entre as resenhas, sobressaem, também, fortes contrastes: magia e disco voador, de um lado, formas atualizadas da escravidão, do outro. Provas da vivacidade do pensamento e do diálogo crítico, as diferenças nos deleitam e instigam.

Abaixo, apresento breves instantâneos de cada peça que integra este número, como agradecimento aos articulistas e aperitivo às nossas leitoras e aos nossos leitores.

Ensaios

No ensaio de abertura, André Rosa escolhe como objeto de estudo o contista carioca Eric Nepomuceno. Assumindo o papel ativo de leitor-autor, reivindicado e proposto pela estética da recepção de Iser e Jauss, o ensaísta oferece uma interpretação do conto “O último”, peça do livro *A palavra nunca*, de 1985, a partir de uma reflexão em torno dos vazios, silêncios e brechas

de sua trama. Mas Rosa vai além do mero enredo. Destacando o desempenho marcante das sensações e deslindando o tumulto dos pensamentos desordenados do narrador-protagonista, ele acentua a emotividade da narração e comprova o privilégio da abordagem literária das experiências humanas sobre estudos de outras naturezas, como os da psicologia e da sociologia, pela possibilidade pungente de trazer o leitor para o centro vivencial dos dramas representados.

“Flor de Mandacaru: literatura de cordel em Língua Brasileira de Sinais”, de Bruno Ribeiro, é um ensaio auspicioso pela abertura de uma via de acesso a um assunto ainda pouco conhecido do público. A Revista *Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea* comemora a oportunidade de colaborar para a visibilização da pesquisa sobre literatura em Libras e para a difusão da produção, tanto teórica quanto artística, nesse campo do saber. Após apresentar as convergências entre cultura surda e cultura nordestina, contexto em que emerge o contato da comunidade surda com a literatura de cordel, o estudioso faz uma análise do cordel *Resistência nordestina*, de Klícia Campos, destacando, entre outros pontos, as estratégias visuais empregadas na adaptação do texto para a língua de sinais, as características artesanais do cordel, a vestimenta e a beleza estética, que fortalecem o diálogo sinestésico com a arte apresentada.

Em “A espaço-temporalidade lírica de *Lavoura arcaica*”, Gustavo Haiden, com grande senso poético, conduz uma leitura da obra magna de Nassar, centrada nas duas categorias mencionadas em seu título, uma vez que, segundo argumenta, a imagética espaço-temporal adquire grande relevo na construção

lírca do romance investigado. De início, o ensaísta devota-se a uma breve apresentação do romance lírico, defendendo que é da tensão entre narrativa e poesia que ele se sustenta. Em seguida, demonstra que, no romance lírico, o tempo se reverte na eternização do instante, e o espaço se domicilia na interioridade do eu. Mediados pela percepção do eu, ambos, espaço e tempo, se tornam simbólicos. Finalmente, através da interpretação de passagens selecionadas do romance, o estudioso confirma que o drama de André pode ser colhido da confluência entre as múltiplas temporalidades que entretecem o seu narrar, moduladas pela recorrente dramatização dos espaços alterados pela lente deformadora da subjetividade.

Pesquisador das poéticas contemporâneas e da produção de subjetividades plurais, Mario Newman propõe uma série de aproximações engenhosas em “Máquinas poéticas: tradicional e contemporâneo, o jogo acadêmico e randômico de duas poetisas em torno de *Uma mulher...*”. O ponto de partida para a investigação de um “agenciamento coletivo de enunciação”, definição emprestada de Deleuze e Guattari, é o livro *Mulher sob a influência de um algoritmo*, de Rita Isadora Pessoa, inspirado no poema-livro-site *umamulher.org*, de Flávia Péret, no qual o mote “Uma mulher...” foi exposto a desdobramentos aleatórios e imprevisíveis. Refletindo sobre a atualíssima produção “maquinica” desencadeada pelo mote, Newman cruza-a com as antiqüíssimas trocas acadêmicas barrocas e árcades, com jogos das cortes japonesas e com experimentos mais recentes como os do grupo *Oulipo* de modo a apreender o ímpeto inacabado e desejante da criação, quando se transcende o modo de subjetividade por individuação.

Com grande sensibilidade e delicadeza, Pascoal Farinaccio se volta para um livro que se distingue pelas mesmas características. *Catálogo de perdas* se compõe de narrativas de João Carrascoza a que se acoplam fotografias de Juliana Carrascoza, encontro de linguagens em que a fotografia não ilustra, mas acrescenta sentidos ao texto literário. Em “Narrativa, fotografia, objetos: o trabalho da memória em *Catálogo de perdas*, de João e Juliana Carrascoza”, Farinaccio toma duas peças, “Balão” e “Bengala”, traçando um arco que vai da infância à velhice, com vistas a refletir sobre as perdas que, desde cedo, se acumulam na vida e o trabalho poético da memória procura, numa outra dimensão, recuperar. Pensando inicialmente o texto e a fotografia em si mesmos, o ensaio se singulariza, a seguir, pelas interseções colhidas do seu cruzamento dialógico, notáveis pela perceptível empatia e acolhimento que o tema suscita no próprio estudioso.

A HQ *Ajuricaba* conta a saga do líder Manao que lhe dá nome em oposição às atrocidades cometidas pela Coroa Portuguesa contra as populações indígenas da região do Rio Negro no século XVIII. Ressaltando o crescente interesse pelas “textualidades indígenas” nos espaços artísticos e acadêmicos, o ensaísta Rubens Queiroz, em “*Ajuricaba*: cultura e resistência indígenas como temática de uma HQ”, frisa a potência da narrativa verbovisual de uma HQ para realçar a brutalidade do massacre genocida de que foram vítimas os povos originários, representados, na *graphic novel* em pauta, pela diversidade de seus traços físicos que ressalta a riqueza e heterogeneidade cultural que os caracterizam. Pontuada por vocábulos Manao, presta, ainda, a HQ, como enfatiza o estudioso, uma homenagem à língua nativa do povo, extinta, como

inúmeras outras, no altericídio cultural indiscriminadamente praticado, e atua como poderoso dispositivo de conscientização para violências e arbitrariedades ainda hoje em curso.

Entrevistas

A pesquisadora Adriana Aleixo Neto, estudiosa da obra de Maria Valéria Rezende, com dissertação concluída e tese em elaboração sobre ela, conduz com agudeza e penetração a primeira entrevista, que tem por foco principal os personagens da escritora santista, em particular o narrador, e os processos narrativos empregados em seus romances. Muito à vontade, a escritora fala sobre essas e outras questões, como sua militância política, a forte presença da mãe em sua educação, o trabalho conjunto da memória e da imaginação que torna seus personagens simultaneamente reais e inventados, além do surpreendente processo de difusão de seu primeiro romance.

Na segunda entrevista, os entrevistadores são os estudiosos Sergio Schargel e Camila Uchoa, ambos mestres e doutorandos, com pesquisas bastante diversificadas. Grandes apreciadores da obra da entrevistada, a escritora paulista Patrícia Melo, os dois lhe dirigem perguntas sobre sua dinâmica criadora, influências recebidas, leituras contemporâneas, adaptação para cinema de um de seus romances, e a sempre relevante problemática do mercado editorial. Simpática e disposta a conversar, a escritora compartilha seus métodos de trabalho, fala de sua longa amizade com o recém-falecido escritor Rubem Fonseca, comenta o filão da autoajuda e sucedâneos e aborda outros pontos como a sua nada idealizada visão da humanidade.

Particularmente interessante será, além de acompanhar as revelações de duas reconhecidas escritoras da atualidade, bastante engajadas com a literatura e altamente conscientes dos seus ofícios, verificar os caminhos muito divergentes que seguem em seu labor artístico, não apenas em suas temáticas, mas na própria fatura literária segundo a qual essas temáticas vêm a termo. Quanto a isso, no entanto, nada adiantarei. Deixo a dica no ar para que nossas ávidas leitoras e curiosos leitores confirmem por si mesmos/as.

Resenhas

Alana Heinen, Larissa Gerasch e Ângela Fronckowiak resenham o último romance infantojuvenil da diva do pop rock, Rita Lee. Publicado em 2021, em plena pandemia da covid-19, *Dr. Alex e Vovó Ritinha: uma aventura no espaço* lança, no entender das resenhistas, “um outro olhar sobre a morte”. Cultivando a noção de que a morte seja, talvez, menos um fim que uma mudança e, inclusive, uma forma de conexão mais ampla com o cosmos, o livro, argumentam as autoras da resenha, de forma lúdica, ajuda as crianças e leitores em geral a enfrentarem o medo da perda, realidade mais do que nunca presente no cotidiano de todos naquele momento. A própria escritora e cantora lutava, àquela altura, contra um câncer, o que dá às suas palavras acordes especiais de sensibilidade. O livro toca ainda em outras pautas fundamentais, como a proposta de uma reconsideração do reino animal pelos humanos, já que “somos todos espíritos infinitos e não estamos sozinhos no Universo”.

O título da resenha de Vanessa Cristani, que encerra este volume, inspirado no romance da historiadora, rapper e ex-empres-

gada doméstica Preta Rara, “O quartinho da empregada é a senzala moderna”, já desvela a problemática em pauta na obra resenhada – *Solitária*, quarto romance da escritora carioca Eliana Alves Cruz – e os caminhos de argumentação desenvolvidos pela resenhista. O título do romance de Eliana, por sua vez, põe em cena todo o campo semântico e simbólico da solidão – desamparo, abandono, exclusão, preconceito, indiferença, privação –, mas assume a plenitude do seu sentido quando se compreende que ele abarca a denominação daquela punição aplicada a certos detentos, que o leva ao encarceramento individual e à interrupção de qualquer contato humano: a cela solitária. Como demonstra a resenhista, juntamente com mãe e filha negras que o habitam, o quarto também é protagonista do romance e desempenha-se como um de seus narradores. Na excelente resenha, todas as linhas de força da obra adquirem relevo na explicitação contundente de Vanessa Cristani.